

DOM CASMURRO E O VENTRE: MACHADO DE ASSIS E CARLOS HEITOR CONY NOS SUBÚRBIOS DO HOMEM

*Raquel Illescas Bueno**

RESUMO

A partir de semelhanças temáticas e de motivos repetidos, estabeleceu-se uma aproximação entre **Dom Casmurro** (1899), de Machado de Assis e **O ventre** (1958), romance de estréia de Carlos Heitor Cony. Helena, personagem de **O ventre**, carrega nos olhos estrábicos a ambigüidade de Capitu e, no ventre, um filho bastardo.

No prefácio à edição recentemente revista desse romance, Cony explicita sua proximidade com o universo da ficção machadiana, atribuindo ao mestre a herança de certo “sentimento amargo e áspero”. Este trabalho parte de coincidências nos níveis externos dos romances citados para pesquisar a comunhão de tons e de uma visão de mundo cética, ou relativista, a partir da qual ambos os autores traçam a história dos “subúrbios que todo homem carrega dentro de si”.

Em 1998, faltando ainda um ano para o centenário de **Dom Casmurro**,¹ Carlos Heitor Cony publicou a versão revista de seu romance de estréia, **O ventre**.² A primeira edição desse romance foi publicada em 1958, quando **Dom Casmurro**, obra da maturidade de Machado de Assis, já vinha incomodando público e crítica por ininterruptos 60 anos. Faz 100 anos que Capitu perturba homens e mulheres; faz 41 anos que a Helena de Cony perturba outros tantos.

Helena, protagonista de **O ventre**, carrega nos olhos estrábicos a ambigüidade de Capitu e, no ventre, um filho bastardo. No prefácio à nova edição, Cony explicita sua proximidade com o universo da ficção machadiana, atribuindo ao mestre a herança de certo “sentimento amargo e áspero”. Este trabalho parte de coincidências nos níveis externos dos romances citados para pesquisar a comunhão de tons e de uma visão de mundo cética, ou relativista, a partir da qual ambos os autores tra-

* Professora da Universidade Federal do Paraná e Doutoranda na Universidade de São Paulo.

¹ Todas as citações de **Dom Casmurro** serão feitas a partir de: ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**, 26. ed. São Paulo: Ática, 1992.

² Todas as citações de **O ventre** serão feitas a partir de: CONY, Carlos Heitor. **O ventre**, 8. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

çam a história dos “subúrbios que todo homem carrega dentro de si”. Essa expressão de Cony dialoga com a anunciada **História dos subúrbios** prometida por Bento Santiago no final de **Dom Casmurro**.

Machado e Cony irmanam-se por aquilo que denominarei “retórica da negatividade”, para dar conta a um tempo do ceticismo e de sua expressão amarga e mal humorada. Encontramos exemplos dessa modulação retórica já no primeiro capítulo de cada romance. Na pena de Bento Santiago, o comentário ao título “Dom Casmurro”: “não achei melhor título para a minha narração; se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo.”³ (Assis, 1992, p. 13) No romance de Cony, na voz do cruel José Severo, um ventre de mulher só pode conter um erro e o próprio ventre será tão errado quanto as possíveis tripas que dentro dele incham até não agüentar mais. “Aí vêm para fora, a gente dá mingau, o padre benze, o colégio ensina os pronomes oblíquos e pronto. Mas, no fundo, é uma tripa.” (Cony, 1998, p. 154). A mesma crueldade é empregada, desde o primeiro capítulo, na auto-apresentação de José Severo: “jamais me preocupei com problemas do espírito (...) Não creio nos sentimentais encabulados, nos líricos disfarçados que se benzem quando os raios caem. Meu materialismo é integral. Nasceu no mesmo ventre que me concebeu.” (Cony, 1998, p. 13). O filtro pelo qual passam as expressões da negatividade de Bento e de José Severo é sempre o da ironia, com variações de grau e intensidade. José Severo insistirá sempre em mostrar a face mais sórdida do que vai por dentro de si próprio e dos que com ele convivem.

Verdades ou mentiras, é preciso, a qualquer tempo, desconfiar desses narradores feridos pelo que consideram traição de quem mais amaram. O tema predileto de Machado de Assis e de Carlos Heitor Cony é o da infidelidade. Na maioria das narrativas o assunto é a traição de um homem por uma mulher. Muitas vezes o caso é de adultério propriamente dito, porém, para abranger maior número de exemplos nas obras de ambos, convém optar pela palavra “infidelidade”.

Carlos Heitor Cony não hesita em atribuir a Capitu a condição de adúltera. Recentemente, chegou a depor em juízo como testemunha de acusação no julgamento que a **Folha de S. Paulo** promoveu em comemoração ao centenário de **Dom Casmurro**. Presidido por um Ministro do Supremo Tribunal Federal, o júri simulado acabou por absolver Capitu, entre outros motivos, por insuficiência de provas. O próprio Cony, ambigüamente, afirmou, em juízo e em crônica, que absolveria a acusada por ela ser uma “adúltera extraordinária”. “E, se não fosse,” – continuou em tom de brincadeira – “a humanidade seria muito mais chata do que é” (Cony, 1999, p. 6).³ Durante o depoimento, Cony citou aquele espirituoso “haikai” de Dalton

³ Dias depois da absolvição de Capitu, Cony publicou texto intitulado “O adultério de Capitu e o perdão de Cristo”, em que comentou: “Apesar de derrotado pelo júri, fiquei orgulhoso de meu culto machadiano. Cem anos após ter escrito o romance mais famoso de nossa literatura, um auditório lotado se empolgava com os disfarces, as insinuações, as pistas falsas que criara para contar a história de um paspalhão que, além de corno, era casmurro...”. (Cony, **Folha de S. Paulo**, 2 jul. 1999, p. 12)

Trevisan: “Se Capitu não traiu Bentinho, Machado de Assis chamou-se José de Alencar”. (Trevisan, 1988, p. 92)

Depois de Machado de Assis, se ainda existem personagens incapazes de trair, certamente seu criador não atende pelo nome de Dalton Trevisan, nem de Carlos Heitor Cony. Representantes dos mais ilustres da linhagem machadiana na ficção brasileira contemporânea, Dalton e Cony não se recusam em nenhum momento a enfrentar os desafios dos subúrbios do homem – e da mulher, é claro. Por outro lado, o lugar da gestação não é subúrbio, mas sim o próprio centro do corpo feminino. Vejamos o que acontece n’**O ventre**.

Esse romance trata das relações entre José Severo – protagonista-narrador – e o casal formado por seu irmão mais novo e Helena, apresentada em seus oito anos de idade como “a mulher pública de toda a infância adjacente”. Ao longo da narrativa, ficamos sabendo que José Severo é filho bastardo, seu verdadeiro pai sendo o médico da família. Depois do nascimento dele, que foi o primogênito, sua mãe e seu suposto pai conceberam o único filho de ambos (meio-irmão de José, portanto), que não é nomeado na narrativa.

Helena iniciou os dois meninos nas experiências sexuais, depois casou-se com o irmão do narrador e não tiveram filhos. José Severo, o filho revoltado, passou algum tempo num internato como tentativa de correção. Expulso, afastou-se de todos, indo morar em Maceió. Ao voltar para o Rio de Janeiro, uma vez, assistiu a morte daquele a quem chamava “pai”, a quem tanto odiava. Foi quando descobriu que, “morto o ódio que não entendia, sobrava lugar para o amor que precisaria compreender” (Cony, 1998, p. 106). Ele nunca esqueceria Helena, e nunca compreenderia seus sentimentos por ela e pelo irmão, nem o que unia o casal que o traía. Partiu outra vez, percorrendo o Brasil como caminhoneiro, depois voltou definitivamente a pedido do irmão, a essa altura um matemático bem sucedido, que mantinha contato com Einstein, mas era, como José, outro homem insatisfeito, profundamente angustiado. Convivendo com o casal Helena-irmão, José Severo percebeu falsidades e desconfiou de adultério, mesmo assim surpreendeu-se com a decisão do irmão de viajar para o exterior apesar da negativa de Helena em acompanhá-lo. Tendo praticamente se confessado bissexual (detalhe enfatizado pela redação da edição ora citada, revista por Cony nos anos 90), o irmão parte, deixando ao protagonista a incumbência de cuidar de Helena em sua ausência prolongada.

Sete meses depois, ela chama José e lhe comunica que está grávida e que conta com ele para ajudá-la a ter a criança. O diálogo tem algo de surreal, mas José é dirigido pela determinação de Helena. Eles se isolam na serra da Mantiqueira, num povoado chamado Desengano, e só voltam ao Rio depois do nascimento do menino. Lá acontece o único beijo entre José e Helena posterior às descobertas da sexualidade na infância.

Na seqüência, Helena e um novo companheiro, apenas mencionado, mor-

rem durante uma viagem, não sem antes deixar a José a responsabilidade pelo filho dela. Tudo leva a crer que o garoto crescerá pensando ser filho de José, como acreditavam todas as demais personagens, inclusive o irmão. Helena preferia assim e o narrador não diz se revelará a verdade algum dia. Mas qual seria a verdade a ser revelada? Helena não faz qualquer menção ao homem que a engravidou. Para o leitor, resta dúvida, também, sobre algo que pudesse explicar a semelhança física que vai aparecendo entre o menino e José Severo: “O garoto é odioso. Tem o mau gosto de ir se parecendo comigo. Eu trato bem dele para me distrair e purificar”. (Cony, 1998, p. 196)

Deixando muitos pontos sem maiores esclarecimentos, por outro lado insistindo sempre na fixação de José por Helena, Cony se aproxima mais ainda de Machado. Aproximação proposital, senão vejamos:

- Aos olhos de ressaca, de cigana oblíqua e dissimulada de Capitu, corresponde, em Helena, um “olhar meio estrábico que zombava de tudo ao mesmo tempo e [me] deixava sem jeito”. (Cony, 1988, p. 106)
- A segurança de Capitu, sua capacidade de dissimulação, contrastava com a insegurança de Bentinho: “Como era possível que Capitu se governasse tão facilmente e eu não?” (Assis, 1992, p.117). O mesmo vale para José Severo em relação a Helena. Ao comunicar sua gravidez, ela o surpreende: “Ela soltava a coisa. Não era como eu, que precisava de engulhos, não dizia, vomitava. Ela não. Aquilo saía tão natural como um sopro para apagar velinhas de bolo de aniversário”. (Cony, 1998, P. 137)
- Assim como as famílias Santiago e Pádua, os Severo eram vizinhos da família de Helena.
- A rua em que José decide morar quando volta ao Rio de Janeiro é a Riachuelo, antiga Mata-Cavalos. Mas o centro do Rio tinha se degradado: “Rua feia, feia mesmo, a rua mais feia do Centro. E os rendez-vous malcheirosos, mal freqüentados” (Cony, 1998, p. 117). O narrador explica que, apesar do nome atual, prefere empregar o antigo, como no trecho que segue: “A rua Mata-Cavalos à frente, o morro de Santa Teresa por trás. No meio nada, quer dizer, eu.” (Cony, 1998, p. 120). Que cenário poderia remeter mais diretamente ao de **Dom Casmurro**? Ocorre que o centro do Rio de Janeiro passou a ser um espaço sórdido.
- Se o seminário afastou Bentinho de Capitu, o internato afasta fisicamente José de Helena.
- Tanto Bentinho quanto José sofrem muito com a expectativa da reação feminina a suas partidas. A reação de Capitu, nos seus catorze anos, alterna indiferença, fúria, aceitação dissimulada e idéias atrevidas (Assis, 1992, p. 35). Helena, nos seus precoces oito anos, ouve sem dar importância, terrível em sua auto-suficiência. “— Então, nunca mais, Helena?”, per-

gunta José, e ouve, como resposta “— Nunca mais o quê?”. Conforme apontou Luís Augusto Fischer, em artigo intitulado “**O ventre** e a linhagem das memórias”, “Helena é, sem muita diferença de psicologia, a mesma Capitu de Machado (...) Claro, há diferenças. Helena é uma cínica total, em adulta, mas ainda assim uma mulher fascinante em sua completude”. (Fischer, 1998, p. 133)

- Quanto ao tema da fraternidade, há mais diferenças do que semelhanças. Trata-se, porém, de contrastes fundamentais para entender o jogo de referências cruzadas que conduz ao desfecho em **O ventre**. Bentinho era filho único. Escobar, seu melhor amigo, perdera a única irmã que tinha. Sua amizade os tornava algo parecido a dois irmãos. Escobar se casa com Sancha, melhor amiga de Capitu, quase uma irmã, e Sancha também não passa despercebida a Bento em seus encantos femininos (capítulo “A mão de Sancha”).
- Em **O ventre**, José descobre-se meio-irmão e filho bastardo. Ao contrário de Bentinho e Escobar, ambos os irmãos sempre se odiaram e disputaram a mesma mulher desde a infância. Ocorre que ao rever José pela primeira vez depois de casada, Helena lhe diz: “— Sabe, agora somos irmãos?” (Cony, 1998, p. 111). Insinua-se o tema do incesto, ainda que simbólico – tema freqüente na ficção de Cony – fazendo lembrar a outra Helena, a personagem de Machado que protagoniza o romance que leva seu nome. Por conta de uma confusão em torno da paternidade da protagonista – mais uma filha bastarda de algum ventre do século XIX – a Helena de Machado e Estácio, a quem amava e que correspondia a esse amor, não se puderam unir. Ao contrário do que Estácio havia sido levado a crer, Helena não era sua irmã de sangue. Porém, bastava a fraternidade jurídica de ambos para colocar em pauta o tema do incesto e conduzir ao desfecho trágico. Estávamos, afinal, em 1876, e embora Machado de Assis já não se chamasse José de Alencar, havia algum espaço em seus romances para resquícios do Romantismo dos folhetins. Helena – a de Machado – morreu de amor. (Assis, 1992, p. 11-144). Antes da solução romântica, porém, haviam sido abordados os temas que interessa destacar: infidelidade, bastardia e incesto.
- A cabeça aritmética de Escobar, herdada por Ezequiel, é traço definidor da personalidade do irmão de José. Segundo Bentinho, Escobar “era das cabeças aritméticas de Holmes ($2+2=4$)” (Assis, 1992, p. 127). O irmão matemático, segundo José Severo, fazia parte “daquela gente para a qual a vida é um E sobre a raiz quadrada de $m^2 \pm T = X$ ” (Cony, 1998, p. 123). Além disso, o irmão acreditava na definição do universo formulada por Einstein, para quem $RiK, = 0, RiK, 1 + i + Rl = 0$. (Cony, 1998, p. 187)

- Um dos indícios da infidelidade de Capitu foi a demora da gravidez tão desejada por Bentinho. Em *O ventre*, a dificuldade para ser pai não atinge o protagonista, mas o irmão. Amargurado, ele se abre com José: “O médico diz que a culpa é minha (...) a seiva é fraca, e não combina com a de Helena”. (Cony, 1998, p. 128)
- A perversidade, tão freqüente em Machado e em Cony, é exemplificada no sadismo dos dois meninos. Ezequiel insiste em assistir até o fim à devoração de um rato por um gato (Assis, 1992, p. 147); o filho de Helena, na última cena do romance, destripa os canários que ganhara depois de muita birra só para ver se tinham mesmo um apito na barriga, conforme José lhe havia dito no intuito de se ver livre de uma curiosidade do menino. (Cony, 1998, p. 196)
- A idéia de suicídio, que seduziu Bento Santiago antes de ele se separar de Capitu, é aventada diversas vezes por José e concretizada pelo irmão.
- Capitu morreu e foi enterrada na Suíça; Ezequiel morreu de febre tifóide nas imediações de Jerusalém, para onde fora em viagem científica, ou, nas palavras de Bento Santiago, “arqueologias”. Três anos depois do suicídio do marido, a viúva Helena “se juntou a um inglês. Foram procurar a ossada de um cientista inglês perdido da selva amazônica. Morreram mesmo por lá, picados por mosquitos. Li nos jornais que outro inglês veio procurar a ossada dos dois” (Cony, 1998, p. 195). Das “arqueologias” européias de Machado às “arqueologias” tropicais de Cony, repete-se o motivo da morte da heroína considerada culpada pelo narrador. Não sem ironia. Em *O ventre*, a procura de ossadas na Amazônia reúne as idéias de morte à distância da mulher adúltera e de morte de quem procurava ossos alheios. Em ambos os romances, o trágico se dissolve na ironia da notícia breve e apressada do falecimento (seja de Capitu, seja de Helena), na ausência de comentários elegíacos e no tom de desprezo à ciência que se detém sobre os restos do que tenha sido corpo de gente. A diferença principal é que, em *O ventre*, o filho bastardo não se transforma em ossada. Ele permanece vivo, para a dor e a delícia do narrador. Ele é o resto com quem é necessário conviver.
- O último capítulo de *Dom Casmurro* intitula-se “É bem, e o resto?”; a última parte do romance de Cony denomina-se “O ventre e o resto”.

Entre José Severo e o irmão jamais houve a confiança que havia entre Escobar e Bentinho. Havia disputa, ódio, desprezo e alguma amabilidade para disfarçar tudo isso: “Nós sempre fomos amáveis um com o outro, principalmente quando nos detestávamos” (Cony, 1998, p. 125). Gerados no mesmo ventre, sua relação merece ser estudada à luz de outras, como a de Caim e Abel ou mesmo as dos gêmeos Esaú e Jacó, ou a do Pedro e a do Paulo machadianos.

Nenhuma personagem de **O ventre** oferece contraste aos desenganos do narrador (papéis que D. Glória e, de certa forma, José Dias, preenchem em **Dom Casmurro**). José está sozinho, inclusive, enquanto protagonista. Helena, apesar de sua força, não divide o primeiro plano da ação na intensidade do que acontece em **Dom Casmurro**. Difícil, é claro, competir com Capitu; muito difícil competir com Machado de Assis, e não seria essa a questão.

Apesar de obcecados por alguma mulher a quem negam a voz (sobretudo Bento o faz), Bento e José prezam bastante a própria liberdade. O Existencialismo está na base do pensamento do Cony dos anos 50, reforçando a negatividade da retórica. José Severo e seu meio-irmão vivem conflitos tipicamente sartreanos. Sua angústia contamina a forma com que encaram o presente e o futuro. Sua idéia de liberdade incorpora a relativização que esse conceito sofreu com o exacerbado individualismo desenvolvido na primeira metade deste século.

Preso ao passado e a Capitu, Bento Santiago reconstruiu no Engenho *Novo* a velha casa de Mata-Cavalos. Mas, em certo sentido, ele está livre. D. Glória, José Dias, Escobar, Ezequiel e Capitu já haviam ido “estudar a geologia dos campos santos” quando ele resolveu reinventar literariamente seu passado. Seu cotidiano inclui a decisão de visitar ou não alguma daquelas jovens amigas cujo convívio o obriga a “consultar dicionários”. Bento Santiago tem a opção de, enfasiado, não enfrentar o que é novo.

José, ao contrário, permanece responsável pelo novo. Ele seguirá recusando a si e aos outros, mas não recusou a incumbência de educar o filho de Helena. Justo ele, que nunca quis assumir responsabilidade nenhuma. “Fiquei com o resto”, ele diz. E prossegue resto afora, se distraíndo e se purificando muito à sua maneira. Para encerrar o romance, José não promete contar a história de ninguém, nem de nenhum subúrbio. Ao ouvir a explicação que o menino lhe dá para a morte dos canários, identifica-se tanto com ele que lhe oferece como prêmio uma ida ao cinema, balas, e ainda promete dar-lhe um canivete. Entretanto, como fez Bento Santiago na frase final de **Dom Casmurro**, José também se volta para o futuro, coisa rara em seu discurso. Ele conclui, com a mesma crueldade de sempre: “— Não há dúvida, esse menino promete, não há dúvida, esse menino promete”. (Cony, 1998, p. 196)

A revolta de José permanecerá fazendo com que ele odeie ou despreze os vivos, os mortos, seus ventres, ele próprio. Nunca perdoará ao irmão ter-se suicidado justamente na banheira de seu apartamento da rua Mata-Cavalos. Habitante do ventre degradado do Rio de Janeiro, ele só não odeia seu próprio ventre – entendido no sentido de útero – porque não tem um. José é um homem que, sem ter possuído a única mulher que amou, herdou o fruto equivocado de seu ventre equivocado.

De certa maneira, é sempre a mesma história, são sempre os mesmos personagens: um homem, sem entender seus próprios subúrbios e inconformado por não entender os subúrbios da mulher, fica ligado a ela para sempre. Uma mulher, como

tantos homens e mulheres antes dela – sem entender os subúrbios dos homens – fica ligada a seus textos, sem chances para escapar. Inútil prorrogar esta fala tentando jogar luz sobre o que se quer, e consegue manter-se, provocantemente ambíguo. São justamente as ambigüidades que constituem os enigmáticos subúrbios de **Dom Casmurro** e de **O ventre** e fazem com que essas obras tendam a permanecer. **Dom Casmurro** merece todas as honras que vem recebendo em seu centenário. Haverá, algum dia, um júri-simulado para a Helena de Cony?

ABSTRACT

Considering thematic similarities and repeated motives, this article sets an approach between **Dom Casmurro** (1899), by Machado de Assis and **O ventre** (1958), Carlos Heitor Cony's first novel. Helena, a character from **O ventre**, carries in her crossed-eyes the ambiguity of Capitu and in her belly a bastard child.

In the preface to the recent revised edition of **O ventre**, Cony explains his proximity with the universe of Machado de Assis' fiction, assigning to him the inheritance of a "bitter and rough feeling". This work considers coincidences on the external levels of the cited novels to look for similarities of tone. The article also investigates the sharing of a sceptic (or relativistic) conception from which both authors elaborate the history of the "suburbs that every man carries inside himself".

Referências bibliográficas

- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 26. ed. São Paulo: Ática, 1992.
- ASSIS, Machado de. **Helena**. 17. ed. São Paulo: Ática, 1992.
- ASSIS, Machado de. **O ventre**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.
- CONY, Carlos Heitor. **O ventre**. 8. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- CONY, Carlos Heitor. Capitu absolvida. **Folha de S. Paulo**, 25 jun. 1999. Ilustrada, p. 6-7.
- CONY, Carlos Heitor. O adultério de Capitu e o perdão de Cristo. **Folha de S. Paulo**, 2 jul. 1999. Ilustrada, p. 12.
- FISCHER, Luís Augusto. **Para fazer diferença**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.
- RIBEIRO, Luis Filipe. **Mulheres de papel**: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis. Niterói: EDUFF, 1966.
- TREVISAN, Dalton. **Pão e sangue**. Rio de Janeiro: Record, 1988.